

EDUARDO MONDLANE ARQUITECTO DA UNIDADE

— o itinerário exemplar dum herói moçambicano

Pessoas que o conheceram directamente ficaram fascinadas pelas suas excepcionais qualidades de coragem, franqueza e honestidade; a sua enorme capacidade de trabalho e organização; a sua clara compreensão da natureza do nosso País e da nossa luta.

Para todos os moçambicanos, Eduardo Chivambo Mondlane permanecerá o símbolo da unidade e arquitecto da Nação; o modelo de luta contra a alienação cultural e de amor à Pátria; o dirigente que colocou o nosso País no caminho do progresso social e definiu o seu lugar no mundo.

A nossa escolha não é entre viver ou morrer, mas sim entre viver livres ou escravizados — a frase, que se imortaliza com o seu autor, resume o pensamento político e a estatura revolucionária do nosso Herói Nacional. Por isso, passados 15 anos desde a trágica manhã de 3 de Fevereiro de 1969, em que o primeiro Presidente da FRELIMO foi barbaramente assassinado, através de um atentado à bomba, em Dar-es-Salaam, pelos agentes do colonialismo e da reacção, a sua vida é, mais do que nunca, fonte de inspiração na luta contra o imperialismo e os bandidos armados, pela consolidação da unidade nacional, a prosperidade do povo e o desenvolvimento da Pátria.

O momento mais decisivo para a construção da unidade nacional foi a criação da Frente de Libertação de Moçambique, em Dar-es-Salaam, através da fusão dos grupos nacionalistas existentes em 1962 — UDENAMO, MANU e UNAMI. Mas daí à criação de um corpo dirigente sólido que executasse cabalmente o programa de luta de libertação nacional traçado pelo I Congresso da FRELIMO foi um processo extremamente difícil e delicado, conseguido à custa de enormes sacrifícios. A frente de ambos destacou-se o Presidente Eduardo Mondlane.

As dificuldades deviam-se fundamentalmente à falta de experiência da maioria dos membros fundadores e dirigentes e à sua proveniência de partidos diferentes, com preparação intelectual diversa e linhas políticas diferentes. Uma das manifestações foi o facto de, quase alguns minutos depois da última sessão solene do I Congresso, enquanto o Presidente da nova organização ia da sala do congresso para o aeroporto, regressando aos Estados Unidos, onde ia completar o seu trabalho como professor, alguns membros do CC terem começado a manobrar para expulsar outros do corpo executivo da FRELIMO. O grupo era dirigido pelo próprio Secretário-Geral da organização, David Mabunda, que teve na altura de ser expulso, da FRELIMO e do território tanzaniano.

Perante este tipo de problemas que surgiram logo de início, o Presidente Eduardo Mondlane foi forçado a terminar prematuramente o seu contrato com a Universidade de Syracuse, nos Estados Unidos, onde ensinava, e regressar à África Oriental para participar na solução dos problemas deste tipo. Numa ocasião, o Presidente da organização revolucionária foi levado a deslocar-se ao

Egipto para tentar persuadir um grupo de dissidentes, expulsos da FRELIMO, a reintegrar-se na luta uma vez que o CC estava preocupado com a impressão de divisão que a sua saída dava ao mundo.

Paralelamente a FRELIMO lutou, desde o início contra a ingerência de elementos estrangeiros infiltrados nas suas estruturas centrais, como foi o caso de um cidadão norte-americano, Leo Milas, introduzido como moçambicano. Foi também o Presidente Eduardo Chivambo Mondlane quem contribuiu para clarificar a situação deste infiltrado, através de contactos nos EUA.

Um movimento não pode permitir a paranóia, ou alienar o apoio potencial e não conseguirá reconciliar aquelas dificuldades reais que de algum modo têm de ser reconciliadas para sobrevivência e desenvolvimento da sua base. Por outro lado, deve estar em guarda contra o tipo mais perigoso de infiltração organizada pelo inimigo que inevitavelmente gasta tempo e energia no processo — escreve, a propósito o primeiro Presidente da FRELIMO. Ele acrescentou, mais adiante:

A melhor resposta para estes grupos, agentes, espões, propagandistas inflamados, é um movimento forte. Se a liderança é unitária e tem o apoio das massas do País, se o programa é realista e popular, então os prejuízos causados por esses esforços do exterior serão marginalizados. Na FRELIMO, embora, nalguns casos, seja necessária uma acção específica, a nossa norma geral é continuar em força o trabalho em mãos, ignorando as pequenas provocações.

A UNIDADE:
PREOCUPAÇÃO FUNDAMENTAL

A unidade nacional era a preocupação

fundamental do Presidente Eduardo Mondlane. Dele aprendemos a construí-la, vencendo as dificuldades étnicas e regionais, a diversidade dos horizontes religiosos e culturais, de maneira a fazer de Moçambique uma verdadeira nação.

Desde o começo da nossa luta o governo português pretendeu sempre que o povo de Moçambique nunca se uniria, que o Povo moçambicano não existe como tal, mas é só o conjunto de tribos que estão sempre a lutar entre si (...) O Povo moçambicano, através da sua acção, desmentiu já esta propaganda colonialista. É nesta linguagem directa e clara que falava Mondlane. Alto, robusto e corajoso; de sorriso aberto e franco olhar sincero e gestos decididos cativava compatriotas e estrangeiros.

Como pessoa, era um homem amável, gentil, cheio de simpatia. Fez uma impressão fantástica não só em mim como em todos os estudantes, pela maneira como falava de Moçambique e no futuro próspero e cheio de paz que via no seu futuro país independente — afirma John De Vos, actual embaixador dos Estados Unidos da América em Maputo, que conheceu Eduardo Mondlane em 1961 na Universidade de John Hopkins Washington, durante um seminário de dois dias sobre África. O futuro Presidente da FRELIMO, então professor na Universidade de Syracuse, fora lá falar sobre o futuro de Moçambique.

Mas são os seus companheiros de armas que melhor conhecem seu perfil político. Num depoimento feito após a vitória sobre o colonialismo, Joaquim Chissano (actual membro do Bureau Político do Partido Frelimo), salientou que Eduardo Mondlane foi sempre um revolucionário. Nunca foi um chefe que se colocasse em posição

de superioridade, mas sim um chefe igual ao seu subordinado, de quem sempre procurava aprender qualquer coisa. Chissano acrescentou que Mondlane dava um grande sentimento de confiança a todas as pessoas que com ele trabalhavam, convencendo-as de que elas também eram capazes de pensar e de criar.

Para Armando Guebuza, também membro do BP, o Presidente Eduardo Mondlane era um camarada com muita experiência e com muitos conhecimentos, mas apesar disso, achou que se tornava necessário aprender com o Povo. Além disso uniu o povo para além da tribo, do campo e da sua classe social e tinha um sentimento humano, um sentimento excepcional de compreensão da sociedade.

Outro membro do Bureau Político do Partido Frelimo que conheceu directamente o fundador da FRELIMO é Alberto Chipande. Diz do Presidente Eduardo Mondlane: Ele criou um povo onde antes este não existia; soube criar quadros que, nos momentos difíceis, souberam manter a sua posição, defender as suas ideias e fazê-las triunfar.

Mas é, sem dúvida, quem o substituiu na liderança da FRELIMO e do Povo moçambicano, Samora Machel, que amiúde e eloquentemente, se refere ao papel histórico de Eduardo Mondlane, um dos mais queridos e devotados filhos do Povo moçambicano. Numas das suas intervenções por ocasião da morte do primeiro presidente da FRELIMO, Samora Machel explica na sua linguagem rica em imagens que antes dele éramos divisão, grãos de areia dispersos ao vento e, enquanto isso, o colonialismo explorava-nos e humilhava-nos:

O camarada Eduardo Mondlane trouxe-nos o cimento da unidade, trouxe-nos a força que poderosamente nos ligou, que fez de nós um povo, que fez desaparecer as tribos para criar Moçambique, o baluarte de aço indestrutível para o inimigo.

ÓDIO PROFUNDO À EXPLORAÇÃO E OPRESSÃO

O inimigo do povo moçambicano — esse, Eduardo Mondlane, aprendeu a odiá-lo desde cedo, na aldeia Khambani, distrito de Manjacaze (Gaza), onde nasceu há quase 64 anos. Foi aí onde nasceu, crescendo nos campos e pastagens, guardando ovelhas, carneiros e cabras, com centenas de adolescentes como ele. A mãe, Mukungu Muzamuse Bamele, e outras duas viúvas do seu pai, Nwadhane Mussengane Mondlane (falecido quando ele tinha apenas dois anos), falavam-lhe acerca da opressão sob a qual viviam perpetrada pelos colonos portugueses; como Eduardo Mondlane recorda da sua auto-biografia:

Lembro-me claramente de muitas ocasiões em que os meus irmãos tiveram de fugir para a

África do Sul para evitar serem forçados a trabalhar para os agricultores locais portugueses ou domos das plantações, ou ainda o próprio governo, por um salário irrisório. Consequentemente passei a maior parte dos meus primeiros anos de infância sem qualquer contacto com os meus irmãos mais velhos (...).

As mulheres deixadas em casa tinham que prover a si próprias o melhor que podiam. Elas foram várias vezes presas e mandadas para a cadeia pelas autoridades portuguesas porque os seus filhos que estavam na África do Sul não mandavam os seus impostos anuais.

No campo enraizou-se também culturalmente e praticou tudo quanto constituía actividade e peripécias dos adolescentes entre os cinco e 12 anos, da sua classe:

Jogar à homãna, instigar à luta rapazes ou animais, caçar passarinhos, lebres, montar touros roubar maçarocas ou ananases para machambas, mungir vacas para obter masse (leite coagulado), que tanto gostava arrancar tinyeve mufurra mapixilwa, mabobo, tiaziva passava a maior parte das tardes de verão nos rios Mangwenyani e Nshawuhongo, onde, além de banhar, me entretinha a pescar.

A escola veio mais tarde, graças à instigação da mãe, sendo as primeiras letras aprendidas em Tsonga, em casa de um membro da igreja protestante. Aliás toda a instrução primária de Eduardo Mondlane foi feita com a ajuda de missionários protestantes, dado o ambiente hostil que encontrou por parte do colonialismo português, que era contra uma educação elevada dos pretos. Mas mesmo no ambiente religioso a sua educação não foi isenta de dificuldades. Basta referir os anos que passou em Lourenço Marques a varrer o quintal e a lavar ligaduras no Hospital da Missão Sulça, em 1936, para poder concluir a 3.ª classe complementar. Em 1948, fez os estudos secundários na África do Sul.

Depois de se formar em Sociologia e Antropologia nos Estados Unidos, onde se deslocou beneficiando de uma bolsa de estudos, em 1956, Eduardo Mondlane trabalhou como investigador nas Nações Unidas, em ligação com os então protectorados do Tanganyika, e Camarões ingleses e Sudoeste Africano. Nessa qualidade vem a Moçambique, em férias, Fevereiro de 1961; após dez anos de ausência e é nessa altura que contacta com o povo auscultando os seus sentimentos no que respeita à independência. De regresso a Nova Iorque, decide deixar as Nações Unidas e regressar à África para organizar o movimento de libertação nacional, o que veio a acontecer em Março de 1963.

Apesar de eu gostar da vida universitária acima de qualquer outra coisa no mundo, decidi dedicar o resto da minha vida à lu-

ta de libertação até à independência do meu país, assim explica Eduardo Mondlane a sua opção patriótica e revolucionária.

A MORTE QUE FERMENTOU O ÓDIO

A esse nobre ideal, Mondlane dedicou toda a sua inteligência e energia. Em 1962 fundou a FRELIMO que, pouco a pouco, se consolidou como vanguarda do povo moçambicano dirigindo a luta pela independência e o combate contra todas as formas de exploração.

O II Congresso, realizado em 1968, no interior de Moçambique tinha tomado decisões fundamentais para o avanço dessa luta com o triunfo da linha revolucionária. Foi então que o colonialismo português e os reacçãoários internos, decidem cobardemente lançar mão ao crime de assassinar o Presidente Mondlane, pensando dessa forma deter a marcha do processo.

Como na altura salientou o Comité Executivo da FRELIMO a sua morte foi um duro golpe para o Povo moçambicano, mas a luta não parou: O crime foi um novo fermento que fez crescer ainda mais o ódio contra o colonialismo português e o imperialismo, e ódio contra a exploração sob todas as suas formas, o ódio contra todos os regimes de opressão colonial fascista ou racista, o ódio contra a exploração do homem pelo homem.

O povo moçambicano, dirigido pela FRELIMO, alcançou novas vitórias, e conquistou em 1975 a independência nacional. É ainda inspirado no exemplo e nos ideais de Eduardo Mondlane, que continuamos a lutar pela prosperidade, pelo progresso e pela paz, de modo a continuarmos a merecer as palavras que ele pronunciou no fim do II Congresso: **Agora posso morrer tranquilo porque sei que a Revolução continuará.**